

Mas há uma ameaça: a queda de Bresser.

É o que se especula em Wall Street. Se isso ocorrer, as negociações sofrerão uma reviravolta.

Os banqueiros internacionais que negociam a dívida brasileira foram avisados que podem estar contribuindo para a queda do ministro Bresser Pereira. Isso está no **Wall Street Journal** de ontem. Ele cita a imprensa brasileira e círculos políticos como focos de especulação de que o ministro pode renunciar.

Se Bresser sair, as negociações em Nova York sofrerão uma reviravolta depois de progredirem "tortuosamente" por 20 dias. O chefe dos negociadores, Fernão Bracher, que é um amigo íntimo de Bresser Pereira, também deixaria o seu cargo, segundo antecipa o jornal.

Fernão Bracher, chegando às 12h45 para uma nova reunião com os banqueiros, confirmou apenas um dos itens de notícias do **Wall Street Journal**: a de que é um amigo íntimo de Bresser. "Hoje é o último dia, Bracher?", perguntou o JT. Ele respondeu: "Se Deus quiser e a Virgem Maria ajudar". O **WSJ** conta que o presidente Sarney e o presidente do BC, Fernando Milliet, permitiram aumentos salariais nas últimas semanas que excedem o limite proposto pelo ministro Bresser Pereira, minando sua estratégia de conter a alta da inflação.

"Eles estão fazendo a vida de Bresser ficar muito difícil", explica um economista latino-americano para o repórter Peter Truel em artigo publicado no alto da página 33 do jornal.

As negociações de Nova York, segundo o jornal, estão numa fase delicada. O acordo seria incomum, porque os bancos emprestariam US\$ 3 bilhões para o Brasil pagar os juros que deve aos próprios bancos. O acordo quase pronto é classificado como provi-



Bresser: chegou a hora de sair?

sório pelo jornal, porque vai requerer que as duas partes armem um relacionamento da dívida brasileira até o final do ano, com o Brasil concordando com um programa econômico que tenha o aval do FMI.

Mas o jornal lembra que qualquer acordo com o FMI pode provocar a queda do ministro Bresser Pereira, sendo uma exigência impossível dos banqueiros.

Fernão Bracher disse pela manhã ao JT que o FMI já não era mais o problema que atrasa o anúncio do acordo. Ele passou a falar de bônus, adiantando que o comunicado final dos bancos credores deverá ser uma grande força à idéia dos bônus, antes considerada uma violentação, porque mal-entendida.

Mas o **WSJ** diz que tudo o que foi construído até agora vai desabar se o ministro

Bresser Pereira for levado à renúncia e então — acrescenta — os bancos serão duramente atingidos com a ordem de abater a dívida brasileira em 10%, cumprindo uma decisão já recomendada por uma comissão interagências (Icerc) ao secretário do Tesouro, James Baker, que ainda não a assinou.

Nesse cenário, o Brasil perde muitas das linhas de curto prazo que alimentam seu comércio exterior, que este ano chegará aos US\$ 10 bilhões — acima dos US\$ 8,35 bilhões alcançados em 1986. Os credores estão animados com esses números — diz o jornal — mas o acordo que concluem atualmente é considerado "ridículo" por um dos entrevistados, o consultor Norman Bailey. Para Bailey, o "acordo é quase pior do que os bancos emprestem dinheiro a si próprios".

O **WSJ** pode apressar as negociações com a ameaça de que os banqueiros estão ameaçando o ministro Bresser. Um dos banqueiros entrou com o jornal debaixo do braço no começo do vigésimo dia de negociações.

Quando a reunião de anteontem terminou, às 9h20 de Nova York (2h30 de ontem no Brasil), o JT perguntou a Fernão Bracher por que o acordo estava sendo adiado tanto. Ele apontou para um advogado dos banqueiros, que saía do prédio, e disse: "Detalhes". Um dos brasileiros gritou para o advogado: "Ei Bill, quer dizer algo para a imprensa?". Aí ele respondeu: "Quero sim. Boa-noite".

Moisés Rabinovici, de Nova York